

Aula 25 – Comparatismo Sul-Sul: Diálogos entre África, Ásia e América Latina



Você já se sentiu como se a história da literatura fosse contada sempre a partir dos mesmos pontos de vista, com os mesmos protagonistas? É como se um mapa-múndi literário tivesse sido desenhado há séculos, e, por mais que o mundo tenha mudado, continuamos a usá-lo, ignorando continentes inteiros ou os vendo apenas como satélites de grandes centros. Mas e se eu te dissesse que existem outras rotas, outras conversas literárias tão ricas e complexas quanto as que já conhecemos, mas que raramente chegam aos nossos livros didáticos?

Nesta aula, embarcaremos em uma jornada para redesenhar esse mapa, explorando o fascinante universo do Comparatismo Sul-Sul. Nosso objetivo principal é desenvolver uma compreensão aprofundada sobre como as literaturas da África, Ásia e América Latina dialogam entre si, contornando os antigos centros coloniais e revelando uma tapeçaria de experiências compartilhadas e vozes singulares. Ao final, você será capaz de identificar as limitações do comparatismo eurocêntrico, analisar as conexões literárias e políticas que unem essas regiões e reconhecer a importância de uma perspectiva decolonial na leitura de textos globais.

Esta é uma oportunidade não apenas para expandir seu repertório literário, mas também para afiar seu senso crítico e sua capacidade de análise, habilidades valiosas tanto para a vida acadêmica quanto para o mercado de trabalho ou para a avaliação de títulos em concursos públicos. Prepare-se para desvendar um mundo de histórias que se entrelaçam em um diálogo vibrante e transformador, mostrando que a riqueza da literatura está em sua diversidade e em sua capacidade de construir pontes onde antes só havia muros.

O Despertar da Crítica: Além do Eixo Eurocêntrico



Visão Eurocêntrica

A Europa como centro, outras literaturas como satélites



Herança Colonial

Estruturas de poder que marginalizam vozes do Sul



Novas Geografias

Remapeamento do território literário mundial

Por muito tempo, a literatura mundial foi concebida e estudada a partir de uma perspectiva predominantemente europeia. Era como se a Europa fosse o sol, e todas as outras literaturas girassem em torno dela, recebendo sua luz e sendo definidas por sua proximidade ou distância desse centro. Essa visão, conhecida como comparatismo eurocêntrico, estabeleceu um cânone, um conjunto de obras e autores considerados universais, que frequentemente marginalizava ou simplesmente ignorava as ricas produções literárias de outras partes do globo.

Essa abordagem não era apenas uma questão de preferência, mas um reflexo de estruturas de poder históricas, herança do colonialismo. Ao focar exclusivamente nas relações entre literaturas europeias ou entre uma literatura não europeia e a Europa, perdíamos a chance de perceber os diálogos intrínsecos e as influências mútuas que ocorriam em outras partes do mundo. Era como tentar entender uma conversa entre amigos observando apenas um deles falando com um estranho. A riqueza da interação entre os amigos permanecia invisível.



A necessidade de novas geografias literárias surge como um chamado para remapear esse território.

Não se trata de negar a importância da literatura europeia, mas de reconhecer que ela é apenas uma parte de um todo muito maior e mais complexo.

Pense em um mapa antigo, daqueles que mostravam o mundo com a Europa no centro e as Américas e a África distorcidas nas bordas, muitas vezes com espaços em branco ou preenchidos por monstros marinhos. Esse mapa não estava errado por completo, mas era incompleto e tendencioso. O comparatismo Sul-Sul propõe um novo GPS, que nos permite traçar rotas diretas entre, por exemplo, o Brasil e Moçambique, ou a Índia e o Peru, revelando paisagens literárias antes inexploradas. Essa mudança de perspectiva é fundamental para uma compreensão mais justa e completa da literatura mundial, alinhada com os [Estudos Pós-Coloniais](#) e [Decoloniais](#) que buscam desmantelar as hierarquias impostas pelo passado colonial.

Tecendo Novas Rotas: Conexões Sul-Sul

Historicamente, as conexões literárias e culturais entre os países do Sul Global foram frequentemente mediadas pelos antigos centros coloniais. Se um escritor angolano queria dialogar com um brasileiro, muitas vezes essa conversa passava por Portugal, seja pela língua, pelas editoras ou pelos círculos intelectuais. Era como se, para duas pessoas em cidades vizinhas se falarem, a ligação tivesse que ser feita por uma central telefônica em um continente distante, gerando atrasos, ruídos e, por vezes, impedindo a comunicação direta.

Essa dinâmica não só atrasava o reconhecimento mútuo, mas também perpetuava a ideia de que a validação cultural só poderia vir do "centro". As literaturas do Sul eram vistas como "periféricas", e seu valor era medido pela sua capacidade de se encaixar nos padrões estéticos e temáticos ocidentais. No entanto, por trás dessa fachada de dependência, sempre existiram laços invisíveis, trocas informais e uma profunda ressonância entre as experiências de povos que, embora separados por oceanos, compartilhavam o jugo colonial e a luta por autonomia.

A emergência de eixos de diálogo diretos entre o Sul Global é uma resposta a essa herança. É a busca por redes de comunicação que contornam os antigos centros coloniais, permitindo que as vozes da África, Ásia e América Latina se encontrem e se reconheçam sem intermediários.

Essa abordagem não é apenas acadêmica; ela reflete movimentos políticos e sociais que, desde o século XX, buscaram a solidariedade entre os povos colonizados e pós-colonizados, como a Conferência de Bandung em 1955, que reuniu líderes asiáticos e africanos para discutir a cooperação econômica e cultural.

Imagine que, em vez de todas as estradas levarem a Roma, novas estradas começassem a ser construídas, ligando diretamente cidades como Dakar a Salvador, ou Mumbai a Buenos Aires. Essas novas rotas não apenas facilitam o tráfego de ideias e obras, mas também criam uma nova paisagem, onde a riqueza não é definida pela proximidade de um centro, mas pela densidade e diversidade das conexões. A literatura, nesse contexto, torna-se um espelho dessas novas geografias, refletindo e impulsionando a solidariedade e o reconhecimento mútuo entre os povos do Sul.



O Que Nos Une: Temas Compartilhados no Sul Global

Ao olharmos para a vasta e diversificada produção literária da África, Ásia e América Latina, é fácil nos perdermos na multiplicidade de culturas, idiomas e histórias. Cada região possui suas particularidades, suas tradições orais e escritas, seus mitos e suas realidades. No entanto, por trás dessa aparente fragmentação, existe uma profunda ressonância, uma série de temas e experiências que, embora manifestados de maneiras únicas, ecoam de um continente para outro, criando um terreno fértil para o diálogo comparativo.

A tendência de ver cada região isoladamente, como se suas histórias fossem estanques, impede-nos de perceber essa teia de semelhanças. É como observar diferentes rios que correm por paisagens distintas – um por uma floresta tropical, outro por um deserto, um terceiro por montanhas – e não perceber que todos eles nascem de fontes semelhantes, alimentados por chuvas e degelos que, em sua essência, são os mesmos fenômenos naturais.



Ditaduras



Pós-Colonialismo



Desenvolvimento Desigual

A identificação de **temas universais com nuances locais** é o cerne do Comparatismo Sul-Sul. Não se trata de homogeneizar as culturas, mas de reconhecer que a experiência da colonização, da luta por independência, da construção de nações pós-coloniais, da desigualdade social e da busca por uma voz autêntica gerou narrativas que se espelham e se complementam. Esses temas compartilhados se tornam as pontes invisíveis que conectam autores e leitores através de fronteiras geográficas e linguísticas.

Entre esses temas, destacam-se as **ditaduras**, o **pós-colonialismo** e o **desenvolvimento desigual**, que moldaram profundamente as sociedades e as literaturas dessas regiões. A literatura, nesse contexto, não é apenas um registro, mas um espaço de resistência, memória e reinvenção. Ao explorar essas conexões, abrimos nossos olhos para uma compreensão mais rica e multifacetada da condição humana no Sul Global, percebendo que as vozes que narram essas experiências são, muitas vezes, mais próximas do que imaginamos.

A Sombra da História: Ditaduras e Resistência Literária

A experiência de regimes autoritários e ditatoriais é, infelizmente, um capítulo recorrente na história de muitos países da África, Ásia e América Latina. Seja sob a forma de juntas militares, governos de partido único ou autocracias personalistas, a supressão de liberdades, a violência de Estado e a censura marcaram profundamente a vida de milhões de pessoas. Esse período sombrio não apenas alterou o curso político e social dessas nações, mas também deixou cicatrizes profundas na psique coletiva, que a literatura se encarregou de registrar e elaborar.

01

O Desafio

Como dar voz aos silenciados sob censura e perseguição?

02

A Resposta

Escrita alegórica, simbólica ou denúncia explícita no exílio

03

O Resultado

Literatura como refúgio para a memória e preservação da verdade

O desafio para a literatura, nesse cenário, era imenso: como dar voz aos silenciados? Como denunciar as atrocidades sem sucumbir à censura ou à perseguição? A resposta veio de diversas formas, desde a escrita alegórica e simbólica, que permitia contornar a vigilância, até a denúncia explícita, muitas vezes publicada no exílio. A literatura se tornou um refúgio para a memória, um espaço onde as verdades inconvenientes podiam ser preservadas e transmitidas, mesmo que entre as linhas.

A literatura emerge como ferramenta poderosa de resistência e memória. Em países como o Brasil, Argentina, Chile, mas também em nações africanas como Angola, Moçambique ou Nigéria, e asiáticas como a Coreia do Sul ou as Filipinas, escritores e escritoras assumiram o papel de cronistas de seu tempo, registrando a dor, a esperança e a luta de seus povos.

Um exemplo notável dessa conexão é a forma como autores latino-americanos, como Gabriel García Márquez (com "Cem Anos de Solidão", embora não seja diretamente sobre ditadura, aborda o poder e a história cíclica) ou Mario Benedetti, e autores africanos, como Ngũgĩ wa Thiong'o (Quênia) ou Wole Soyinka (Nigéria), utilizaram a ficção para explorar os mecanismos do poder, a corrupção e a resiliência humana. Embora em contextos distintos, suas narrativas compartilham a urgência de preservar a memória e de lutar por um futuro mais justo. A literatura, assim, transcende fronteiras e se torna um grito universal contra a tirania.

O Legado Que Permanece: Pós-Colonialismo e Decolonialidade

O fim formal do colonialismo, com a independência de diversas nações na África, Ásia e América Latina, não significou o fim imediato de todas as suas estruturas e influências. Pelo contrário, o legado colonial persistiu em diversas esferas: na economia, na política, nas instituições sociais e, de forma muito profunda, na cultura e no pensamento. É como se a árvore colonial tivesse sido cortada, mas suas raízes continuassem a se espalhar subterraneamente, afetando o crescimento de novas plantas.

Pós-Colonialismo

A persistência de mentalidades e estruturas coloniais é o cerne dos **Estudos Pós-Coloniais**. Essa área de estudo analisa como as relações de poder históricas continuam a influenciar a produção e circulação literária, as identidades nacionais e as formas de conhecimento. Ela nos convida a questionar as narrativas dominantes, a dar voz às perspectivas antes marginalizadas e a entender como a experiência colonial moldou não apenas os colonizados, mas também os colonizadores.

Decolonialidade

Uma abordagem mais recente e radical, a **Decolonialidade**, vai além da crítica pós-colonial. Enquanto o pós-colonialismo muitas vezes se concentra em analisar as consequências do colonialismo, a decolonialidade propõe um desmantelamento ativo das estruturas de poder e conhecimento que ainda operam sob a lógica colonial. Ela busca "descolonizar o pensamento", as instituições e as práticas, propondo a construção de novos paradigmas a partir das epistemologias e experiências do Sul Global.

Conceito	Âmbito/Aplicação	Exemplo
Pós-Colonialismo	Análise das consequências do colonialismo após a independência. Crítica literária, teoria cultural, história.	Estudo de como a língua inglesa foi ressignificada por autores indianos após a independência.
Decolonialidade	Desmantelamento ativo das estruturas de poder e conhecimento coloniais. Filosofia, sociologia, ativismo, epistemologias do Sul.	Proposta de currículos universitários baseados em conhecimentos indígenas e africanos.

Imagine que o pós-colonialismo é como um arqueólogo que escava as ruínas de uma civilização antiga para entender como ela funcionava e por que caiu. A decolonialidade, por sua vez, é como um arquiteto que, a partir dessas ruínas, propõe a construção de uma nova cidade, com novos fundamentos e um novo projeto de vida, que não reproduza os erros do passado. Ambas as abordagens são cruciais para a compreensão das literaturas do Sul, pois nos permitem não apenas analisar as obras em seu contexto histórico, mas também participar ativamente da construção de um futuro mais equitativo e plural.

Desigualdades Globais: Literatura e Desenvolvimento

A disparidade econômica e social é uma realidade gritante que atravessa o Sul Global. Enquanto algumas nações alcançaram níveis significativos de desenvolvimento, muitas outras ainda lutam contra a pobreza extrema, a falta de acesso a serviços básicos, a exploração de recursos e a dependência econômica. Essa desigualdade não é apenas um dado estatístico; ela se manifesta na vida cotidiana das pessoas, moldando suas experiências, suas aspirações e seus desafios.



Espelho da Realidade

Literatura reflete o desenvolvimento desigual



Voz aos Silenciados

Dá voz aos marginalizados pelas narrativas oficiais



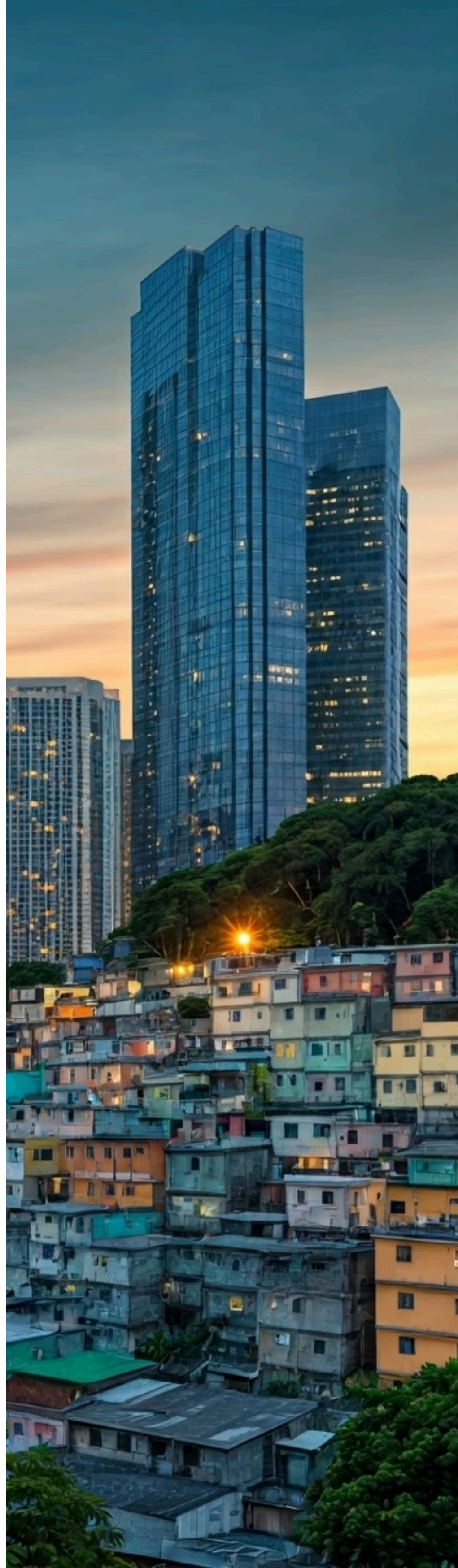
Crítica Social

Expõe contradições e humaniza estatísticas

A literatura, nesse contexto, assume um papel crucial. Ela se torna um espelho que reflete as complexas realidades do desenvolvimento desigual, dando voz aos que são frequentemente silenciados pelas narrativas oficiais. Como a literatura pode abordar a pobreza, a migração forçada, a exploração de trabalhadores e a luta por dignidade em um mundo onde as oportunidades são distribuídas de forma tão injusta? Essa é uma pergunta que ressoa em obras de diferentes continentes, revelando uma solidariedade tácita entre os que vivem à margem do "progresso".

A literatura não é apenas um registro da desigualdade, mas também uma ferramenta de crítica social. Ela expõe as contradições do sistema, questiona as promessas de um desenvolvimento que nem sempre chega a todos e humaniza as estatísticas, transformando números em histórias de vida.

Um exemplo poderoso dessa conexão é a forma como autores como o indiano Aravind Adiga (com "O Tigre Branco"), que retrata a ascensão social em meio à corrupção e à pobreza, ou o moçambicano Mia Couto (com "Terra Sonâmbula"), que explora as consequências da guerra civil e a busca por identidade em um país em reconstrução, dialogam com a literatura latino-americana que aborda temas como a reforma agrária, a violência urbana e a exclusão social. Embora em contextos específicos, essas obras compartilham a preocupação com as injustiças e a esperança por um futuro mais equitativo. A literatura, assim, nos convida a olhar para as periferias globais não como problemas distantes, mas como parte integrante de nossa humanidade compartilhada.



Estudo de Caso 1: O Realismo Mágico Latino-Americano

Quando falamos em **Realismo Mágico**, a primeira imagem que geralmente vem à mente é a da América Latina, com suas paisagens exuberantes e suas histórias repletas de elementos fantásticos que se misturam naturalmente com o cotidiano. A ascensão desse estilo literário, especialmente a partir da segunda metade do século XX, com o chamado "Boom Latino-Americano", catapultou autores da região para o cenário mundial, tornando-os ícones de uma forma particular de narrar a realidade.

No entanto, a percepção de que o Realismo Mágico é um fenômeno puramente latino-americano, uma invenção exclusiva de seus escritores, pode ser limitante. Embora a região tenha, de fato, desenvolvido uma vertente muito particular e influente, a ideia de que o maravilhoso e o fantástico coexistem com o real não é uma exclusividade geográfica.



❏ Por que o Realismo Mágico floresceu na América Latina?

A explicação reside em sua capacidade de expressar a complexidade de uma realidade muitas vezes surreal. Em um continente marcado por histórias de colonização, ditaduras, injustiças sociais e uma rica herança cultural que mescla o indígena, o europeu e o africano, o fantástico não é uma fuga, mas uma forma de dar conta do inexplicável, do absurdo e do maravilhável que permeiam a vida.

É a maneira de contar a história de um povo que viveu e vive entre o mito e a modernidade, onde o impossível parece sempre à espreita.

"Em Macondo, a cidade fictícia de García Márquez, borboletas amarelas seguem um homem, chuvas duram anos, e personagens vivem séculos. Esses elementos não são estranhos; eles são parte integrante da vida, aceitos com a mesma naturalidade que o nascer do sol."

Um exemplo clássico e incontornável é a obra de Gabriel García Márquez, especialmente "Cem Anos de Solidão". Essa forma de narrar, onde o sonho se mistura com a realidade sem que haja uma ruptura brusca, ressoa profundamente com a experiência de um continente que, por si só, já é um caldeirão de realidades fantásticas.

Estudo de Caso 2: Ecos do Maravilhoso em África

Enquanto o Realismo Mágico latino-americano ganhou fama global, a riqueza da literatura africana, com suas próprias manifestações do maravilhoso e do fantástico, muitas vezes permaneceu à sombra, menos reconhecida ou categorizada sob rótulos ocidentais. É como se, ao admirar a flor exótica da América Latina, não tivéssemos notado que, em outro jardim, flores igualmente deslumbrantes, com pétalas e aromas distintos, floresciam com a mesma exuberância, mas com uma história diferente.

Tradições Oraís Milenares

Mitos, lendas, espíritos e o sobrenatural são intrínsecos à cosmovisão africana

Linha Tênu

Para muitos povos africanos, a fronteira entre real e fantástico é quase inexistente

Expressão Orgânica

O fantástico não é artifício importado, mas forma natural de ver o mundo

A falta de reconhecimento de suas próprias formas de "realismo mágico" não significa que elas não existam. Pelo contrário, a literatura africana é profundamente enraizada em tradições orais milenares, onde mitos, lendas, espíritos e a intervenção do sobrenatural no cotidiano são elementos intrínsecos à cosmovisão. Para muitos povos africanos, a linha entre o real e o fantástico é tênue, por vezes inexistente, o que naturalmente se reflete em suas narrativas escritas.

A explicação para como o maravilhoso e o fantástico se manifestam em autores africanos reside nessa herança cultural e na experiência de um continente que também viveu a colonização, a luta por independência e a busca por uma identidade pós-colonial. O fantástico não é um artifício literário importado, mas uma expressão orgânica de uma forma de ver o mundo. Ele pode aparecer na forma de ancestrais que interagem com os vivos, de animais que falam, de eventos inexplicáveis que alteram o curso da vida, ou de uma percepção do tempo que não é linear.

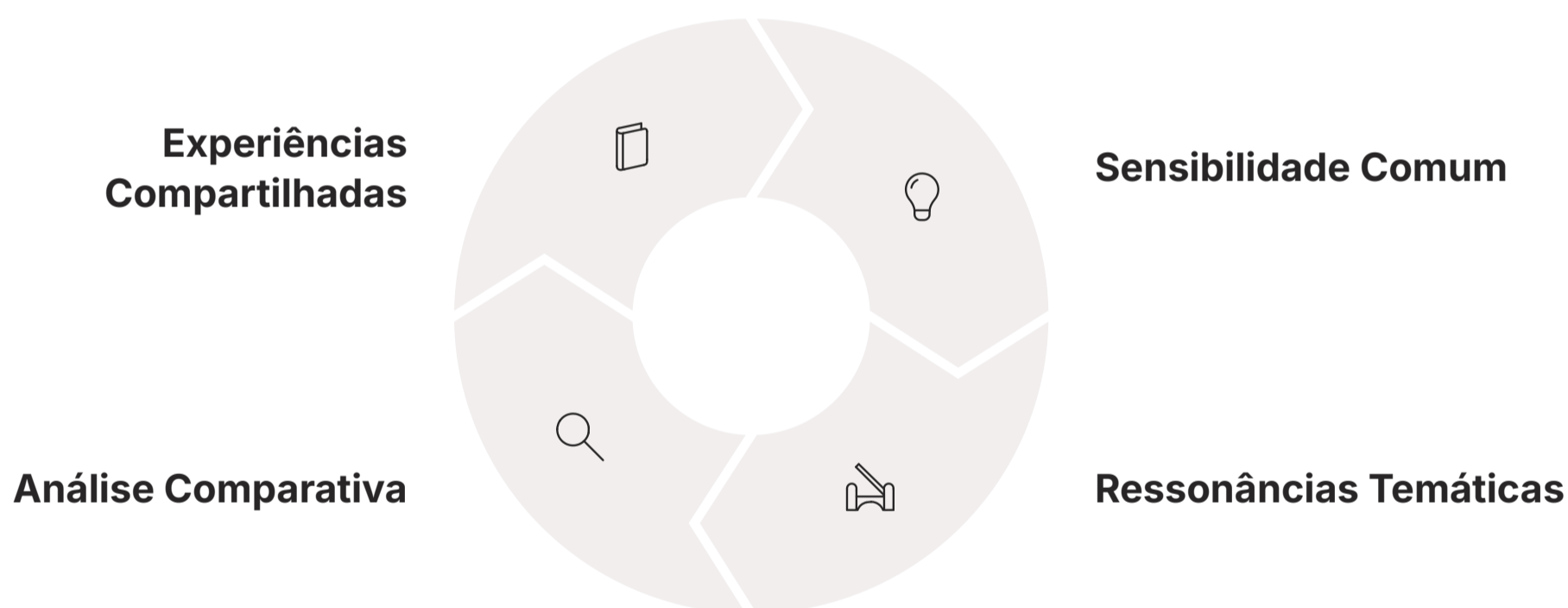
📖 **Conexão com o Realismo Mágico:** Autores como o nigeriano Ben Okri, com "A Estrada Faminta", onde o mundo espiritual e o material se entrelaçam na vida de um menino-espírito, ou Amos Tutuola, com "O Bebedor de Vinho de Palma", demonstram uma sensibilidade para o maravilhoso que ecoa o Realismo Mágico latino-americano.

Essa conexão com o Realismo Mágico latino-americano é fascinante. Embora não haja uma influência direta óbvia em todos os casos, as semelhanças temáticas e estilísticas são notáveis. Suas obras nos convidam a expandir nossa compreensão do que é "real" e a reconhecer que o fantástico é uma linguagem universal para expressar as complexidades da existência humana, especialmente em contextos onde a realidade por si só já desafia a lógica.

Pontes Literárias: O Diálogo entre Continentes



Depois de explorar as particularidades do Realismo Mágico na América Latina e as manifestações do maravilhoso em África, é crucial reconhecer a importância de identificar essas semelhanças e trocas, mesmo que não sejam sempre diretas. A literatura não é uma série de ilhas isoladas, mas um arquipélago onde as correntes marítimas (ideias, temas, estilos) conectam as terras de maneiras sutis e, por vezes, surpreendentes.



A dificuldade de mapear essas influências diretas, de traçar uma linha clara de "quem influenciou quem", não deve nos impedir de perceber os diálogos. Muitas vezes, as obras se "conversam" não por uma leitura direta de um autor pelo outro, mas por compartilharem um substrato cultural, histórico e social semelhante. É como se duas árvores que crescem em solos diferentes, mas com condições climáticas e nutrientes parecidos, acabassem produzindo frutos com sabores e texturas notavelmente semelhantes, sem que uma tenha "copiado" a outra. Elas respondem a estímulos parecidos de maneiras análogas.

Como as obras se "conversam" mesmo sem contato direto? A resposta reside na experiência compartilhada de colonialismo, pós-colonialismo, ditaduras e desenvolvimento desigual que permeia o Sul Global. Essas experiências geram uma sensibilidade comum, uma forma de ver o mundo e de narrá-lo que transcende as barreiras geográficas e linguísticas.

A aplicação dessa perspectiva é fundamental para a análise comparativa de textos. Em vez de buscar apenas influências diretas, podemos investigar as ressonâncias temáticas, as similaridades estruturais ou as abordagens estilísticas que emergem de contextos históricos e sociais análogos. Por exemplo, ao comparar a forma como a memória da violência é tratada em um romance chileno e em um romance sul-africano, podemos desvendar não apenas as particularidades de cada obra, mas também as estratégias narrativas universais para lidar com o trauma. Essa abordagem enriquece nossa compreensão da literatura e nos permite construir um panorama mais interconectado e solidário do mundo literário.

Fóruns e Revistas: Catalisadores do Intercâmbio Sul-Sul

Para que as novas rotas literárias do Sul Global se consolidem, é fundamental que existam espaços dedicados à sua circulação e discussão. Por muito tempo, a hegemonia das editoras e revistas ocidentais ditou o que era publicado, traduzido e estudado, perpetuando a invisibilidade de muitas vozes do Sul. Era como se a maior parte da produção literária do mundo estivesse em um grande oceano, mas apenas alguns portos, controlados por poucos, tivessem a infraestrutura para receber e distribuir essa carga.

Revistas Literárias

Publicam e divulgam obras do Sul Global

Periódicos Acadêmicos

Promovem pesquisas e debates críticos

Editoras Independentes

Desafiam a hegemonia editorial ocidental

Festivais e Conferências

Criam redes de intercâmbio e tradução

A necessidade de espaços para essa nova literatura é, portanto, uma questão de justiça e de reconhecimento. Sem plataformas dedicadas, as obras do Sul Global correm o risco de permanecerem desconhecidas, não apenas para o público ocidental, mas também para os próprios leitores de outros países do Sul. É preciso criar canais que permitam que um escritor indiano seja lido no Brasil, ou que um poeta sul-africano seja estudado na Malásia, sem que essa conexão precise passar por Londres ou Paris.

Exemplos de Iniciativas Importantes

- **Wasafiri** (Reino Unido) - Literatura internacional contemporânea com ênfase pós-colonial
- **Journal of Postcolonial Writing** - Plataforma acadêmica para diálogo Sul-Sul
- **Revista de Estudos Pós-Coloniais** (Brasil) - Foco em pesquisas latino-americanas
- **Journal of African Cultural Studies** (África do Sul) - Estudos culturais africanos

Conectando com o conceito de **Literatura Mundial (World Literature)**, essas iniciativas são cruciais para uma compreensão mais plural e menos eurocêntrica da circulação de obras. Elas não apenas publicam e divulgam obras, mas também promovem debates, traduções e pesquisas que fortalecem as conexões entre as literaturas. São esses espaços que constroem a infraestrutura para as novas rotas literárias.

Abordagens Interdisciplinares: Ampliando o Olhar

A literatura, por mais que seja uma arte autônoma, não existe em um vácuo. Ela é um produto de seu tempo, de sua sociedade, de suas crenças e de suas tecnologias. Tentar compreendê-la apenas por suas características formais, isolando-a de seu contexto mais amplo, é como tentar entender um diamante olhando apenas para uma de suas faces. Você pode apreciar seu brilho, mas perderá a complexidade de sua estrutura e a beleza de suas múltiplas refrações.

A análise puramente formalista, embora importante para a compreensão da técnica literária, limita a profundidade da nossa interpretação. Ela nos impede de ver como a literatura dialoga com as questões sociais, políticas, filosóficas e culturais que a cercam.



Sociologia

Estruturas sociais e relações de poder



Antropologia

Culturas, rituais e cosmovisões



Filosofia

Questões existenciais e éticas



Estudos de Mídia

Circulação e consumo de narrativas

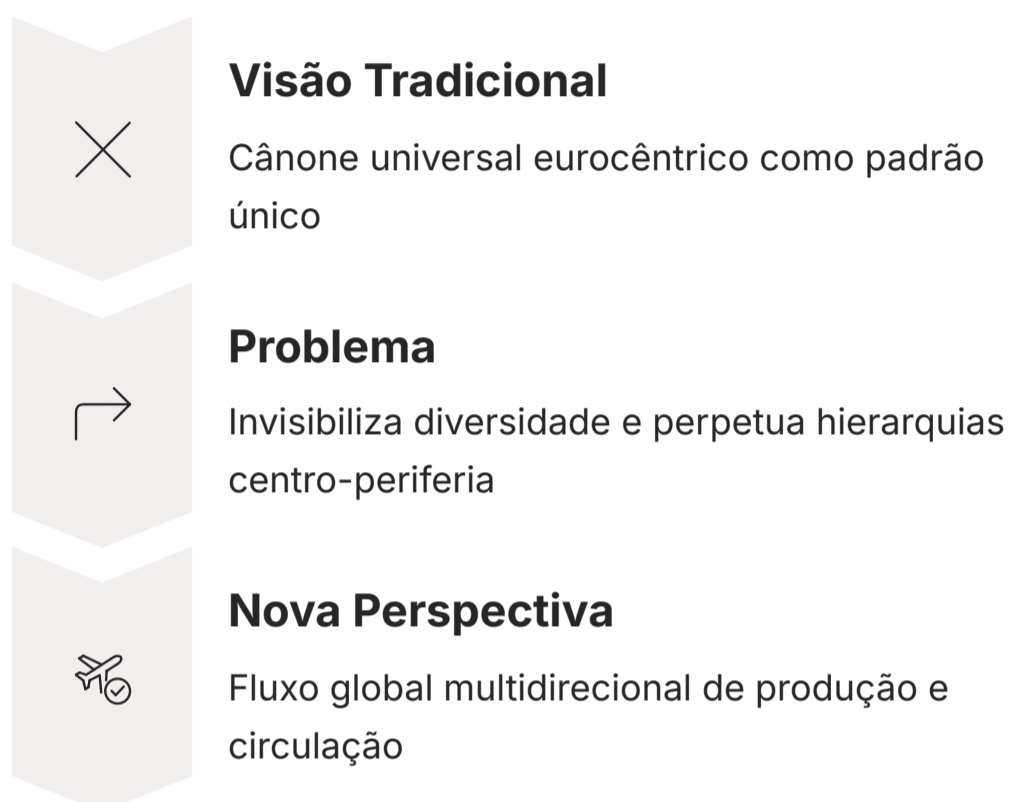
Como essas disciplinas enriquecem a análise literária? Elas fornecem ferramentas conceituais e metodológicas para desvendar as camadas de significado de um texto, permitindo uma compreensão mais profunda das intersecções entre literatura e sociedade.

Imagine que você está diante de uma obra literária complexa. A abordagem interdisciplinar é como ter um conjunto de óculos com lentes diferentes: uma lente sociológica para ver as relações de classe, uma antropológica para entender os costumes, uma filosófica para questionar o sentido da vida, e uma de estudos de mídia para analisar como essa história é contada e recebida. Ao usar todas essas lentes, você não apenas vê o diamante em sua totalidade, mas também compreende sua origem, seu valor e seu impacto no mundo. Essa integração de conceitos reflete a natureza expansiva do campo da literatura comparada e é essencial para uma análise aprofundada das literaturas do Sul Global.

Literatura Mundial (World Literature): Novas Perspectivas

O conceito de **Literatura Mundial** tem sido objeto de intensos debates e redefinições nas últimas décadas.

Tradicionalmente, ele era frequentemente associado a um cânone de obras "universais", muitas vezes de origem europeia, que eram consideradas representativas da experiência humana em sua totalidade. Essa visão, embora tenha seu valor, corria o risco de universalizar o cânone ocidental, impondo uma única régua para medir a importância e a relevância das literaturas de todo o globo.



O problema dessa abordagem reside na tentação de universalizar o cânone ocidental, transformando-o no padrão pelo qual todas as outras literaturas deveriam ser avaliadas. Isso não apenas invisibilizava a riqueza e a diversidade das produções literárias de outras culturas, mas também perpetuava uma hierarquia onde algumas literaturas eram consideradas "centrais" e outras "periféricas". Era como se um grande rio fosse definido apenas por seu delta principal, ignorando todos os afluentes e riachos que o alimentam e que, juntos, formam a verdadeira extensão de sua bacia.

- ❏ **Literatura Mundial Contemporânea:** Não é uma coleção estática de obras-primas, mas um processo dinâmico de produção, tradução, circulação e recepção que atravessa fronteiras. Ela nos convida a olhar para as interconexões, as influências mútuas e as ressonâncias entre literaturas de diferentes partes do mundo.

A explicação para a importância de ver a literatura como um fluxo global, não apenas de centros para periferias, reside na compreensão de que as obras circulam de múltiplas maneiras e em múltiplas direções. Essa nova perspectiva da Literatura Mundial é fundamental para o Comparatismo Sul-Sul. Ela nos permite entender como as obras do Sul Global não apenas respondem aos desafios locais, mas também participam de conversas globais, influenciando e sendo influenciadas por literaturas de outros continentes. Os desafios da tradução e da circulação, nesse contexto, tornam-se centrais, pois são eles que permitem que essas vozes alcancem novos públicos e que as pontes literárias sejam construídas e fortalecidas.



Desafios e Futuro do Comparatismo Sul-Sul

Chegamos ao ponto em que podemos olhar para o caminho percorrido e para o que ainda falta no Comparatismo Sul-Sul. Embora tenhamos avançado muito na crítica ao eurocentrismo e na valorização das literaturas do Sul Global, a jornada está longe de terminar. É como construir uma grande ponte: os pilares já estão firmes, as primeiras vigas foram colocadas, mas ainda há muitos trechos a serem conectados e muitos desafios a serem superados para que ela se torne plenamente funcional e acessível a todos.

1

Barreiras Linguísticas

Poucas traduções entre idiomas do Sul Global

2

Barreiras Editoriais

Priorização de mercados ocidentais pelas editoras

3

Barreiras Acadêmicas

Desafios de financiamento e visibilidade na pesquisa

A persistência de barreiras linguísticas, editoriais e acadêmicas é um dos maiores obstáculos. A maioria das obras do Sul Global ainda não é traduzida para outros idiomas do Sul, e as editoras e distribuidoras continuam a priorizar os mercados ocidentais. Além disso, a pesquisa acadêmica sobre o Comparatismo Sul-Sul, embora crescente, ainda enfrenta desafios de financiamento, visibilidade e acesso a recursos. É como ter um mapa de novas rotas, mas faltarem os veículos e a infraestrutura para percorrê-las.

A necessidade de mais pesquisa, tradução e intercâmbio reside na urgência de consolidar essas novas geografias literárias. Precisamos de mais estudos que mapeiem as conexões, que analisem as ressonâncias temáticas e estilísticas, e que promovam o diálogo entre diferentes tradições literárias.

A tradução é a ponte mais fundamental, permitindo que as vozes de um continente sejam ouvidas em outro. E o intercâmbio, seja por meio de festivais, conferências ou programas de residência, é o que nutre a criatividade e fortalece os laços entre os escritores e pesquisadores do Sul.

O Papel do Leitor e Pesquisador

Cada um de nós tem a capacidade de contribuir para essa mudança, seja buscando ativamente obras de autores do Sul Global, apoiando editoras independentes, participando de debates ou realizando pesquisas que ampliem o campo. O futuro do Comparatismo Sul-Sul depende da nossa curiosidade, do nosso engajamento e do nosso compromisso em construir um mundo literário mais justo e plural.

Consolidação: O Futuro da Literatura em Nossas Mãos

Chegamos ao fim de nossa jornada pela Aula 25, onde desvendamos as complexidades e as riquezas do Comparatismo Sul-Sul. Percorremos um caminho que nos levou da crítica ao eurocentrismo à descoberta de novas geografias literárias, explorando as conexões profundas entre África, Ásia e América Latina. Vimos como temas como ditaduras, pós-colonialismo e desenvolvimento desigual tecem uma tapeçaria de experiências compartilhadas, e como o maravilhoso se manifesta de formas únicas e ressonantes em diferentes continentes. Compreendemos a importância vital de fóruns, revistas e abordagens interdisciplinares para fortalecer esses diálogos e expandir nossa visão da Literatura Mundial.

Em Prática

Questione perspectivas dominantes

Ao ler uma obra literária, questione sempre a perspectiva dominante e busque vozes alternativas.

Explore autores do Sul Global

Procure por autores da África, Ásia e América Latina, explorando suas conexões temáticas e estilísticas.

Use lentes interdisciplinares

Utilize lentes interdisciplinares (sociologia, antropologia) para enriquecer sua análise de textos.

Apoie iniciativas Sul-Sul

Apoie iniciativas que promovam a circulação e tradução de literaturas do Sul Global.

Celebre a diversidade

Reconheça que a diversidade literária é um reflexo da riqueza cultural e histórica do mundo.

Autoavaliação

- Qual das seguintes afirmações melhor descreve a principal crítica ao comparatismo eurocêntrico?**
 - Ele ignora completamente a literatura europeia.
 - Ele foca excessivamente nas relações entre literaturas europeias ou entre literaturas não europeias e a Europa, marginalizando outros diálogos.
 - Ele promove a tradução de todas as literaturas do mundo.
 - Ele defende a ideia de que a literatura europeia é inferior às demais.
- Qual dos seguintes temas é comumente compartilhado entre as literaturas da África, Ásia e América Latina, conforme discutido na aula?**
 - A vida na corte real europeia.
 - A exploração espacial e a ficção científica.
 - Ditaduras, pós-colonialismo e desenvolvimento desigual.
 - A mitologia nórdica e seus heróis.
- A abordagem da Decolonialidade, em relação ao Pós-Colonialismo, pode ser caracterizada por:**
 - Uma análise exclusiva das consequências econômicas do colonialismo.
 - Um desmantelamento ativo das estruturas de poder e conhecimento coloniais, propondo novos paradigmas.
 - A negação de qualquer influência cultural europeia.
 - O estudo apenas de textos escritos antes da independência.
- O Realismo Mágico latino-americano e as manifestações do maravilhoso na literatura africana se conectam principalmente por:**
 - Uma influência direta e explícita de autores latino-americanos sobre os africanos.
 - Compartilharem um substrato cultural, histórico e social semelhante que permite a coexistência do fantástico com o real.
 - Serem gêneros literários idênticos em todas as suas características.
 - Ambos serem exclusivamente focados em narrativas de ditaduras.
- Em suas próprias palavras, explique a importância de abordagens interdisciplinares (como Sociologia, Antropologia, Filosofia e Estudos de Mídia) para a compreensão da literatura do Sul Global.

Gabarito

1

Resposta: B

Ele foca excessivamente nas relações entre literaturas europeias ou entre literaturas não europeias e a Europa, marginalizando outros diálogos.

2

Resposta: C

Ditaduras, pós-colonialismo e desenvolvimento desigual.

3

Resposta: B

Um desmantelamento ativo das estruturas de poder e conhecimento coloniais, propondo novos paradigmas.

4

Resposta: B

Compartilharem um substrato cultural, histórico e social semelhante que permite a coexistência do fantástico com o real.

Questão 5 - Resposta Esperada:

- ❑ As abordagens interdisciplinares são cruciais porque a literatura não existe isolada; ela é um reflexo e uma parte integrante de seu contexto social, cultural, filosófico e midiático. A Sociologia, Antropologia, Filosofia e Estudos de Mídia fornecem lentes e ferramentas conceituais para desvendar as múltiplas camadas de significado de um texto, permitindo uma compreensão mais profunda das relações de poder, das cosmovisões, das questões éticas e da circulação das narrativas no Sul Global. Elas enriquecem a análise, indo além do formalismo e conectando a obra literária à complexidade da vida real.

Conexão com a Próxima Aula



Aula 26

O Eixo Atlântico: Escravidão e Memória

Na próxima aula, aprofundaremos ainda mais as conexões entre continentes, focando em um dos mais dolorosos e impactantes capítulos da história global. Exploraremos como a escravidão transatlântica moldou as literaturas e as identidades de África e das Américas, e como a memória desse período continua a ressoar nas narrativas contemporâneas. Prepare-se para uma discussão profunda sobre trauma, resistência e a busca por reparação através da palavra escrita.

Recursos Adicionais

Said, Edward W.

Orientalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Para aprofundar a crítica ao eurocentrismo e a construção do "Outro".

Mignolo, Walter D.

Histórias Locais/Projetos Globais: Colonialidade, Saberes Subalternos e Pensamento Liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

Essencial para entender a decolonialidade e epistemologias do Sul.

Couto, Mia.

Terra Sonâmbula. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Um exemplo literário da manifestação do maravilhoso e da memória pós-guerra em África.

García Márquez, Gabriel.

Cem Anos de Solidão. Rio de Janeiro: Record, 2007.

A obra-prima do Realismo Mágico latino-americano para visitar suas características.

NOTA IMPORTANTE: As informações sobre tendências e abordagens teóricas desta aula estão atualizadas até 2025. Consulte sempre fontes oficiais e publicações acadêmicas recentes para verificar novas pesquisas e desenvolvimentos no campo da literatura comparada e dos estudos pós-coloniais/decoloniais.